



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

RAMÃO RODRIGO STOCKER DOS SANTOS

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-179

Entrevistado: Ramão Rodrigo Stocker dos Santos

Nascimento: 17/09/1986

Local da entrevista: UFSM – Santa Maria/RS

Entrevistadora: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 27/10/2010

Transcrição: Letícia Baldasso Moares

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Total de gravação: 13 minutos e 06 segundos

Páginas Digitadas: 6

Catálogo: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SANTOS, Ramão Rodrigo Stocker dos. *Ramão dos Santos (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (coordenador de núcleo do PST Universitário – UFSM); funções que desempenha; processo de capacitação; utilização dos materiais pedagógicos do PST; pontos positivos do Programa Segundo Tempo: continuidade após o término do convênio; períodos concentrados das atividades; limites do Programa; opinião sobre o objetivo da inclusão social; aprendizados e oportunidades com o PST.

Santa Maria, 27 de outubro de 2010. Entrevista com Ramão Rodrigo Stocker dos Santos, a cargo da entrevistadora Márcia Luiza Figueira para o projeto Memórias do Segundo Tempo.

M.F. – Ramão, gostaria que você me falasse como você conheceu o PST e veio a trabalhar no PST Universitário?

R.S. – Inicialmente foi a convite do professor Matheus¹. No início ainda do Programa, antes mesmo dele começar na prática, começamos com a teoria mesmo, com o desejo de ter o Programa na Universidade, inscrevendo o Programa, todas as questões burocráticas junto ao Ministério do Esporte. Depois comecei trabalhando como monitor mesmo nas atividades, musculação principalmente, e, com a saída, com algumas reformas que foram passando com o tempo no Programa, assumi o cargo de coordenador de núcleo. Núcleo dos esportes, trabalhando com futsal, vôlei, canoagem, tênis... Daí agora, no caso, como está sendo custeado na Universidade, voltei para a musculação, na origem, trabalhando de novo.

M.F. – E você disse que está sendo coordenador de núcleo. Você coordena o núcleo dos esportes?

R.S. – Na verdade agora, como não estamos sendo financiados pelo Ministério, e sim pela Universidade, se desmembrou um pouco as características do núcleo que é o que vem do Ministério na verdade. Então, estamos todos, inclusive, os coordenadores, trabalhando nas atividades. No caso formal, junto ao Ministério, eu seria coordenador do núcleo, mas agora, na prática, eu estou trabalhando na musculação mesmo.

M.F. – Isso porque o convênio terminou e até renovar vocês estão com esses arranjos momentâneos?

R.S. – Isso mesmo. Seria o formato momentâneo para cumprir essa demanda de agora mesmo.

¹ Matheus Francisco Saldanha Filho. Diretor Executivo do PST Universitário – Universidade Federal de Santa Maria.

M.F. – E você, como coordenador de núcleo, qual é a sua função? O que você faz, como você vê esse papel de coordenador, qual é a competência?

R.S. – Eu tive bem a experiência pela transição da questão de monitor para coordenador. Bem interessante. O que muda mais é que você deixa aquela questão prática da aula todo dia para questões mais burocráticas, mandando papéis para o Ministério, cumprindo os relatórios todos, além de estar acompanhando as atividades junto com os monitores, auxiliando. Buscando também a questão principal de conhecimento, buscando ler bastante, se informar para também ter esse papel junto dos monitores, para informar eles, ver que eles realmente estão indo nas atividades, o que estão fazendo, coordenar reuniões junto com os monitores também por uma questão de formação deles, ver o que eles estão fazendo nas atividades, se está correto. Esse diálogo também bastante crítico entre nós, todos os membros, não só do núcleo, mas de todo o Segundo Tempo. Então, realmente essa questão de formação deles, e essa questão burocrática que compete também das atividades e de toda a papelada junto ao Ministério.

M.F. – Você participou por um processo de capacitação, de formação? O que você acha da proposta de formação?

R.S. - A questão é bem interessante, mas eu acho que também tem várias questões que seriam bem mais amplas. Por ser um programa universitário, acabamos, no início, tendo algumas coisas no processo de formação que coincidia com o programa que era na escola. Então, no início, acabou ficando - não sei qual é a expressão correta - mas digamos que um pouco meio que fora, deslocado, pela questão mesmo de estar vendo coisas do programa padrão, que foi na escola e não conseguia transferir totalmente para a nossa realidade, aqui para a Universidade. Daí então, com o tempo, fomos nos readaptando, procurando nós mesmos tentar resolver essas questões, porque não tinha como realmente conseguirmos ter a mesma formação, procurar convidar professores, ou ter um diálogo com o Ministério para tentar resolver essas questões. Não havia como conseguirmos ter uma mesma formação do programa padrão. Os alunos eram outros, as demandas, as necessidades, bem

diferentes. Até foi elaborado pelo próprio Ministério um novo livro² - não seguíamos mais aquele antigo³ que tinha do padrão - que acabamos conseguindo até trabalhar no próprio núcleo, junto com os monitores, questões, textos de autores mais novos, com uma realidade mais próxima que seria o nosso programa aqui da Universidade.

M.F. – O material que o Programa forneceu para vocês, com temáticas, diversos temas, você utiliza muito?

R.S. – Sim. Procuramos utilizar bastante o material, inclusive, até as próprias referências que eles trazem, que tem no próprio livro, que conseguimos no semestre passado ainda no final do Programa até. Conseguimos trabalhar com os próprios monitores nas atividades em cima, estudando o livro, buscando referências mesmo, quais artigos que eles procuraram citar, quais autores. Então, acho que foi bem interessante nessa questão mesmo, no desenvolvimento do trabalho. As próprias atividades que tem exemplificadas no livro que eu transferi vendo que dá certo mesmo na prática.

M.F. – No seu ponto de vista, quais são os pontos positivos de um Programa do Segundo Tempo Universitário que acontece em um campus universitário para alunos e com um envolvimento direto de alunos acadêmicos de Educação Física? Qual que é, no seu ponto de vista, os pontos positivos dessa proposta?

R.S. – Primeiro, no caso da própria formação dos alunos que estão trabalhando junto. É um ponto bastante interessante para a questão de transferir para a prática aquilo que estão aprendendo no curso. A questão de formação que o próprio Ministério oferece e que nós temos um pouco de autonomia para tentar auxiliar os monitores, no caso eu também formado, e a maioria dos coordenadores são formados também. Então, é bastante interessante para o pessoal que ainda está na graduação trabalhando e também é de suma importância para a comunidade acadêmica geral da Universidade que são os beneficiados com o programa na verdade. Então, notamos, com pesquisas que fizemos que estão sendo

² O chamado “Capa Branca”. Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010.

³ O chamado “Capa Verde”. Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008.

submetidas agora para revistas, essa questão própria dos alunos, da necessidade, quando houve aquele período de transição, no qual terminou o convênio. O pessoal procurando nós pela questão de entenderem realmente essa questão de terem o direito já do acesso. Então, eles entenderam isso, não só pela atividade, mas: “Não! Eu tive a atividade. Como eu vou ficar sem? É um direito meu”. Isso são coisas que vamos notando e que foi realmente com as nossas mãos, o nosso fruto, que conseguimos ali. O pessoal lutando, já entendendo que é um direito e que muitos não têm o lazer. Está na constituição lá que realmente o lazer é um direito de todos. Então, acho que o fruto maior é esse aí: tu ver o pessoal entendendo que eles precisam da atividade, toda uma questão mesmo da cultura corporal da pessoa que vai adquirindo. Pessoas que não faziam atividade física e depois estão pensando em parar, estão nos procurando para vermos como suprir isso daí: “Como vamos ficar sem atividade?”.

M.F. – Já que começaram com isso, e agora? [risos] E como você vê essas opções de atividades concentradas? Como é o seu olhar sobre isso? Eu estava vendo ali que tem atividades concentradas que são atividades que transcendem um pouco aquela proposta das práticas corporais assim propriamente...

R.S. – É que a ideia também do Programa seria bem essa do lazer. Então, envolvemos principalmente horários que são contra turnos deles das atividades acadêmicas, finais de tarde, no caso. Isso de uma forma geral da atividade do Segundo Tempo. Esse período concentrado envolvia os finais ou inícios de semestre e ele parte para essa questão de ter lazer. Aí são várias atividades no final de semana, uma bateria de atividades, onde o pessoal pode escolher: “Agora posso fazer isso, depois posso fazer outra atividade”. Atividades até diferenciadas para nós experienciarmos o que poderíamos oferecer como atividades realmente normais, digamos assim. E também a própria questão de “marketing” do Programa também é interessante. Acaba que no final de semana o pessoal já passa por ali, vê o pessoal fazendo atividade mais diferente, tipo um mutirão mesmo, um monte de atividades. Daí já dá uma própria guinada no Programa mesmo, no qual o pessoal visualiza e já tende a ter curiosidade para depois também praticar a atividade.

M.F. – Do teu ponto de vista, quais são os limites do Programa?

R.S. – Isso é uma questão *bem* complicada [riso]. Tem que pensar bem em cada questão. Não sei se tem um limite que possamos chegar. O interessante realmente seria que todas as pessoas pudessem ter o acesso a prática de atividade esportiva, a prática do lazer mesmo, não só pessoas com poder aquisitivo maior. E é o que o Programa oferece: a questão de atingir essa população que não tem uma condição tão favorável para essas práticas. Então, eu acho que o limite seria isso, no momento que pudéssemos atingir toda a população com prática de atividade física e de lazer mesmo.

M.F. – Você acha então que o PST cumpre com esse objetivo de inclusão social?

R.S. – Acredito que sim. Dentro da quantidade de pessoas que conseguimos atingir, ele cumpre com esse objetivo. Mas ainda acredito que seja pouco porque ainda tem *muito* chão pela frente, *muita* gente que não conseguimos atender. No caso, é um pouquinho, é o mínimo, até por isso seria o piloto também para experienciar se realmente está certo e transferir, de repente, para outras realidades, outras instituições de ensino superior ou para a comunidade ainda de uma forma mais ampla.

M.F. – Então, você acha que o projeto atende os objetivos na prática mesmo? Os objetivos que ele propõe teoricamente?

R.S. – Acredito que sim. Dentro do que ele se propõe, dentro da quantidade de alunos que *temos* que atender, do que nos propomos a atender, acho que ele está cumprindo completamente com os objetivos propostos.

M.F. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

R.S. – Ficamos pensando, porque a entrevista é tão informal [riso]. Mas eu acredito que é mais ou menos isso aí. Agradecer o Programa pela questão profissional de conseguirmos também trabalhar, estar junto do pessoal, ver a satisfação do pessoal, porque também acaba sendo uma satisfação profissional nossa por estar vendo que o Programa está dando certo.

M.F. – Você se vê aprendendo? Você vê o envolvimento de estar aprendendo coisas?

R.S. – É o principal, porque temos a teoria, temos essa transição de estar saindo da Universidade, buscar o campo de trabalho, começar a vida profissional, é bem importante. E pela questão de nós sermos bastantes críticos. Estar sempre procurando até a questão de pesquisar, de estar se informando, lendo. Então, é uma prática bastante ampla, não só pela *prática* típica da atividade, mas também da questão toda envolvida de estudar realmente, de estar pesquisando, de estar escrevendo. A própria questão de tentar uma vida acadêmica futura um pouco maior, de estar realmente escrevendo em revistas importantes. É o que buscamos. Acho que é bem interessante ir por esse caminho também da vida profissional, aprendendo bastante...

M.F. – Então, obrigada.

R.S. – Eu que agradeço!

[FINAL DO DEPOIMENTO]